Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

SIGNIFICATIVOS ÊXITOS

Inicia-se um nôvo ano. O ano que terminou foi de graves derrotas para o imperialismo norte-americano, a reação e o revisionismo soviético. Assinalou também sérios reveses da ditadura militar que oprime a nação. O movimento revolucionário cresceu em todo o mundo, elevou-se a consciência política de grandes massas.

Richard Nixon viu-se acuado pela enérgica ação popular nos Estados Unidos e pelos protestos vigorosos levantados em tôda parte contra a sua política de guerra, de banditismo, de rapina e de discriminação racial. Recorreu a velhas manobras enganadoras, sem êxito, porém. Teve que retirar algumas tropas do Vietname e retroceder da aventura militar no Camboja. Tentou esmagar o movimento guerrilheiro dos povos árabes, mas não conseguiu pôr em prática o plano de desembarque no Oriente Médio dos fuzileiros da VI Frota. Matou inúmeros militantes dos Panteras Negras. No entanto, o movimento dos negros americanos continua se desenvolvendo.

Melhor sorte não tiveram, no ano que finda, os revisionistas soviéticos. Tornou-se mais aguda a crise que lavra em suas hostes. Os povos por êles subjugados levantam-se e lutam pela liberdade, pela independência nacional e pelo socialismo. Seus agentes foram desmascarados e alguns dêles caíram sob a pressão das massas populares. O descontentamento cresceu na União Soviética e os Brezhnev e Kossiguin se vêem a braços com dificuldades insuperáveis. Seu conluio com os Estados Unidos contra os interêsses dos povos gera indignação e revolta. Os trabalhadores de todo o mundo vão tomando consciência do papel traidor e contra-revolucionário desempenhado pela camarilha kruchovista que dirige a Rússia.

As fôrças reacionárias de Portugal, Espanha e Jordânia e outros países tentaram brutalmente esmagar a luta nacional e democrática das massas. Com isto, conseguiram sòmente isolar-se e multiplicar a resistência popular.

No Brasil, a ditadura militar mostrou-se ainda mais débil. Não pôde sequer suspender a vigência do Ato Institucional nº 5, que torna inviável suas tentativas de "institucionalizar" o regime. Os militares apareceram mais claramente como verdugos do povo. Assassinaram dezenas de patriotas, encarceraram e torturaram milhares de pessoas. Seus planos mirabolantes de pseudodesenvolvimento redundaram em fracasso. O desemprêgo cresceu, a carestia de vida prosseguiu em escala ascendente, caiu mais ainda o poder aquisitivo das grandes massas, aumentou o número de excedentes nas escolas. Tudo isto revela a fraqueza da ditadura, que sòmente se mantém pelo emprêgo da fôrça e de processos fascistas, os quais a tornam bastante vulnerável.

(Continua na pág. 2)

Leia Neste Número:

SIGNIFICATIVOS ÊXITOS (Continuação da 1ª página)

Mas se o ano de 1970 foi duro para o imperialismo, o revisionismo e a reação, registrou êxitos significativos para o movimento revolucionário. A República Popular da China, principal base da revolução mundial, deu um grande salto adiante na esfera da produção, da tecnologia e da cultura. Expressão dêsse avanço foi o espetacular lançamento de um satélite artificial da Terra. A influência da grande nação asiática na arena internacional aumentou consideràvelmente. Pela primeira vez, desde a sua fundação, a ONU manifestou-se, por maioria de seus membros, a favor do ingresso da China naquela organização. É mais sólida a unidade do povo chinês em tôrno do Partido Comunista e do seu grande líder Mao Tsetung. Também a Albânia avançou impetuosamente na construção socialista. Conseguiu estender a tôdas as aldeias a rêde de eletrificação do país, êxito sem precedentes em todo o mundo. Dirigida pelo Partido do Trabalho, a Albânia viu crescer sua autoridade e prestígio no plano internacional.

A frente mundial antiimperialista e antirevisionista desenvolveu-se vigorosamente. Os povos da Indochina selaram uma aliança de luta comum contra o imperialismo norte-americano e em defesa da independência de seus países. Os povos árabes estreitaram seus laços de unidade e de luta pela expulsão dos usurpadores de seus territórios. O movimento de libertação na África mostrou-se mais potente. Em vários países da América Latina prossegue a luta armada e gigantescas greves da classe operária puseram em pânico a reação. Na velha Europa, o proletariado da Inglaterra, Itália, Bélgica e Espanha ergueu-se em ações poderosas contra a exploração capitalista. Dentro dos Estados Unidos, a luta contra a guerra do Vietname adquiriu novas dimensões. Vastos setores do povo norte-americano protestaram veementemente contra a invasão do Camboja e exigiram a retirada das tropas estadunidenses do sudeste asiático. Em todos os Continentes, cresceu a repulsa e o ódio aos imperialistas norte-americanos e seus lacaios.

Igualmente no Brasil, o movimento popular ganhou maior envergadura. Embora momentâneamente contido pela repressão fascista, encontrou as mais variadas formas de expressão para demonstrar sua inconformidade com o regime vigente. Milhões de brasileiros manifestaram sua repulsa à farsa eleitoral da ditadura, os estudantes disseram NÃO às tentativas de diálogo promovidas pelos militares, grandes massas de flagelados exigiram comida e trabalho em cidades do Nordeste. Boa parte do clero católico verberou a política dos atuais governantes. Por todo o país, estendeu-se o movimento de condenação aos assassinatos e às torturas de presos políticos, movimento que conta com a solidariedade ativa dos povos de muitos outros países.

No pórtico do nôvo ano, os povos de todo o mundo descortinam uma perspectiva ainda mais promissora. Homens e mulheres de todos os continentes dão-se as mãos para formar a mais poderosa e indestrutível fôrça já criada no mundo - a frente contra o imperialismo americano e o revisionismo contemporâneo. Sobe incontível a onda revolucionária que abarca o mundo inteiro e, em particular, a Ásia, África e América Latina. Preparam-se em tôda parte vigorosas ações contra os piores inimigos da humanidade. O caminho para a conquista de um mundo de paz, de liberdade, de justiça social e de progresso torna-se mais amplo e radioso.

É com otimismo e confiança que o povo do Brasil vê despontar o nôvo ano. Tremem os alicerces podres do regime criminosos que impera no país. A classe operária, os camponeses, os estudantes, a intelectualidade, as donas de casa, os padres ligados ao povo - todos os brasileiros que amam a sua pátria e querem vê-la livre do mais repugnante sistema político que o Brasil já teve - buscam a unidade e os meios para derrubar a ditadura.

O ano de 1971 assinalará, sem dúvida, maior declínio das fôrças retrógradas em todo o mundo. A revolução se expandirá como nunca.

Impõe-se a revolucionarização cada vez maior do Partido. Seus dirigentes e militantes precisam dedicar-se integralmente à tarefa de aplicar a orientação partidária. Cada comunista tem que organizar sua vida de maneira a consagrar o máximo de seu tempo ao Partido, transformar-se num autêntico soldado da causa do povo, pronto a executar qualquer atividade e onde quer que seja. Tem que evitar tudo que possa prejudicar sua militância revolucionária. Deve estar preparado, moral e ideològicamente, para arrostar tôdas as dificuldades e enfrentar todos os sacrifícios. Para ser um autêntico servidor do povo tem de subordinar sua vida e atividade às necessidades do Partido e da revolução, estar sempre pronto a realizar o trabalho mais difícil que a luta revolucionária exige.

SOLUÇÕES ILUSÓRIAS

A América Latina é uma das regiões mais conturbadas do mundo contemporâneo. As grandes massas desta parte do Continente sentem a urgente necessidade de transformações revolucionárias e rebelam-se contra os regimes de opressão. Expande-se a luta contra o imperialismo norte-americano e o sentimento antiianque domina amplas camadas do povo. A extinção do latifúndio é reclamada insistentemente e generaliza-se o anseio em favor da instauração de governos populares, verdadeiramente democráticos. Greves poderosas, demonstrações estudantís, enérgicas ações no campo, choques com as fôrças repressivas são freqüentes no panorama político latino-americano. A luta armada se desenvolve e, embora não tenha ainda adquirido vastas proporções, a idéia de seu emprêgo penetra com rapidez crescente, em largos setores da população. É incontestável que o movimento revolucionário avança impetuosamente na América Latina.

As fôrças reacionárias e os imperialistas norte-americanos preocupam-se sèriamente com esta situação. Vêem, de perto, a ameaça que paira sôbre seus odiosos privilégios. E, não quereno nem podendo dar solução aos graves problemas que afligem as nações latino-americanas, investem brutalmente contra todos os que não se conformam com o atual estado de coisas.. Governos ultra-reacionários, cada vez mais dependentes dos monopólios ianques, desmandam-se na perseguição desenfreada aos monimentos de caráter progressista. Em muitos países, as liberdades mais elementares foram suprimidas e os chamados direitos fundamentais do homem não mais existem. Inplantaram-se ferozes ditaduras militares que usam métodos fascistas para subjugar o povo.

Nada, porém, pode conter o ascenso das manifestações populares. Momentâneamente, as medidas policiais conseguem, aqui ou ali, abafar a luta patriótica e democrática. Mas esta luta ressurge com nôvo vigor porque cresce a repulsa às ditaduras e aos governos atrabiliários e aumenta o descontentamento das massas, sempre mais oprimidas e esfomeadas. Processa-se o isolamento dos reacionários enquanto as correntes revolucionárias ampliam a sua influência. As fôrças armadas que, em épocas passadas, cuidavam de encobrir sua função repressiva, hoje aparecem à luz do dia como verdugos de seus povos. A antiga máscara que usavam de instituição neutra, acima das classes, de pseudopoder moderador ou reformador nos grandes conflitos políticos e sociais, caiu por completo. Os militares são, na atualidade, o principal instrumento político de que se valem os opressores, para sufocar as aspirações mais sentidas das massas. Em conseqüência encontram-se bastante desmoralizados e tornaram-se alvo do ódio popular. Êste fato inquieta mais ainda os imperialistas ianques e as oligarquias latino-americanas, uma vez que as fôrças armadas são a viga-mestra dos regimes retrógrados que vigoram nesta parte d Hemisfério.

Por isso, em uns poucos países da América Latina, importantes setores das classes dominantes, inclusive uma parte da burguesia nacional, apelam para outros métodos e soluções. Recorrem à velha tática das reformas, em níveis bastante restritos, e fazem pequenas concessões aos anseios do povo, visando a conter seu ímpeto revolucionário. Usam uma linguagem parentemente radical e procuram aparecer como nacionalistas. Ao mesmo tempo, utilizam a violência contra as massas, quando estas defendem, com maior firmeza, seus direitos e reivindicações. Os casos do Peru e da Bolívia são bem ilustrativos. E também o do Chile, onde não existe ditadura militar.

Mediante um golpe, os militares assenhorearam-se do Poder, no Peru. Constituiram um govêrno de generais e proclamaram-se salvadores da nação. Fizeram grande alarde em tôrno da nacionalização de uma emprêsa petrolífera norte-americana, desencadearam uma campanha na qual se apresentam como nacionalistas, adotaram medidas muito limitadas de reforma agrária e permitiram algumas liberdades democráticas. Dizem-se revolucionários e realizadores das aspirações fundamentais do povo peruano. Êste, porém, está muito longe de ver concretizados seus anseios progressistas e o Peru continua sendo um país atrasado, dependente, dominado por velhas oligarquias, cujos interêsses não foram atingidos. Os generais, que se intitulam antiimperialistas, são os mesmos que esmagaram, brutal e covardemente, o movimento democrático de libertação nacional, dirigido por patriotas como Luis de la Puente e Guillermo Lobaton.

Na Bolívia, país em que os militares assassinaram, na prisão, Guevara e alguns de seus companheiros, o general Ovando Candia depôs, em 1969, o govêr-

(Continua na página 4)

no e começou a fazer desbragada demagogia nacionalista e democrática. Encampou, também, a Gulf Oil, de propriedade norte-americana, comprometendo-se a pagar elevada soma. Há pouco tempo, numa sucessão de golpes e contra-golpes militares, assumiu o Poder o general Juan Torres. Sua fraseologia é das mais radicais e altissonantes. Afirmou que seu govêrno seria "nacionalista e revolucionário" e que formaria uma "aliança indestrutível da qual farão parte os operários, os camponeses, os estudantes e os militares". Isto não impediu, contudo, que os Estados Unidos fôssem um dos primeiros a reconhecer os novos dirigentes da Bolívia. Até o momento, Torres não tomou qualquer providência destinada a modificar a estrutura atrasada do país.

Já no Chile, Salvador Allende, vencedor nas eleições presidenciais, declara-se marxista e se propõe a realizar uma série de reformas de base. Sua vitória é apresentada como o início de profundas transformações através do caminho pacífico. Mas, antes mesmo de tomar posse, comprometeu-se a defender o regime atual e a não se envolver nas questões atinentes às fôrças armadas.

Os métodos e as soluções adotadas nestes países nada têm de revolucionário. Em essência, são esforços destinados a desviar as massas da revolução e a prolongar a existência de regimes caducos e reacionários. Os generais do Peru e de outros países, prometendo reformas, apresentam-se, em palavras, como antiimperialistas e defensores da soberania nacional, como executores de uma política progressista. No fundamental, continuam a manter a aliança com os Estados Unidos e a proteger os interêsses da reação interna. Salvador Allende, com sua retumbante plataforma "socialista" e seu marxismo de fancaria não passa de um burguês liberal.

A tentativa dos generais peruanos e bolivianos e da chamada esquerda chilena de apresentar o que se passa em seus países como uma revolução é um grosseiro embuste. Uma verdadeira revolução significa mudança de classes no Poder e esta mudança só pode ser levada a cabo com a destruição do Estado das classes reacionárias e sua substituição, nas condições da América Latina, por um Estado de operários, camponeses, pequena e média burguesia e de outros setores patrióticos da nação. Em países como Peru, Bolívia, Brasil, Chile, Argentina e outros, êste Estado será um Estado democrático-popular, sob a direção do proletariado e seu partido, único meio de realizar cabalmente as tarefas nacionais e democráticas da atual etapa da revolução, indispensáveis à passagem ao socialismo.

No Peru, Bolívia e Chile, o Estado não sofreu nenhuma alteração em seu conteúdo de classe. Continua sendo o Estado dos grandes capitalistas e latifundiários, aliados do imperialismo. Mesmo que se realizem tímidas reformas e se modifiquem alguns aspectos secundários da estrutura econômico-social, isto não importa, no essencial, em transformação no caráter do atual Estado. As fôrças armadas, peça decisiva dêsse Estado, permanecem intactas, servem bàsicamente à grande burguesia e aos latifundiários e estão sempre voltadas contra o movimento popular, prontas a esmagar tôda tentativa de assegurar o Poder para o povo. Enquanto existir a máquina estatal montada pelas classes dominantes, as amplas massas populares continuarão oprimidas e exploradas. Se estas massas quizerem conquistar uma vida livre e feliz terão de destruir, de modo radical, êste aparêlho coercitivo. Que garantias têm os povos peruano, boliviano e chileno de usufruir liberdade e gozar de plenos direitos quando as armas se encontram em mãos de generais da reação? Uma autêntica revolução leva ao Poder o povo e não os militares que constituem a cúpula da máquina de repressão manejada pelas fôrças reacionárias ou um presidente que se encontra na dependência dêsses generais. Uma autêntica revolução forja o seu próprio exército, inteiramente diverso do exército que atualmente existe. Sua base é o povo armado e sua tarefa precípua é destruir o velho Poder das classes dominantes e garantir que o nôvo Poder surgido com a revolução se mantenha nas mãos das massas. Mao-Tsetung sintetiza com muita precisão esta idéia ao afirmar que o povo nada terá se não possuir o seu próprio exército.

Os militares do Peru e da Bolívia contam com o apôio dos revisionistas para enganar as massas e salvar o regime. Êles, os revisionistas, tudo fazem para convencer os trabalhadores e a pequena burguesia que se abriu um nôvo caminho para a libertação nacional. Reformistas empedernidos, vêem nas medidas superficiais adotadas pelos pelos governantes passo importante no caminho da revolução. No Chile, constituem um dos pilares da coligação que levou Allende à Presidência da República, participam do govêrno e se esfor-

(Continua na página 5)

çam para alimentar nos trabalhadores ilusões na saída pacífica. Por sua vez, os dirigentes soviéticos, principais ideólogos e chefes do revisionismo contemporâneo, consideram aquelas medidas como um avanço do movimento revolucionário. "Pravda" declara que os fatos verificados no Peru representam uma nova tendência dos militares que precisa ser estimulada. De sua parte, Fidel Castro não se cansa de aplaudir os generais peruanos que, segundo êle, estariam realizando uma"autêntica revolução". Tanto os soviéticos e cubanos como os demais satélites da União Soviética fazem rasgados elogios à solução chilena. Os exemplos dos mencionados países são indicados como novos rumos para os povos da América Latina.

Não é ocasional que os revisionistas apoiem com tanto entusiasmo o que se passa nas nações andinas. Vislumbram nelas o caminho das reformas que apregoam com insistência desde o malfadado XX Congresso do PCUS. Em seus documentos, falam em revolução mas o que objetivam não é derrubar o atual regime da s fôrças reacionárias e sim introduzir-lhe algumas modificações de menor importância. Seu ideal é conseguir migalhas para a classe operária e o campesinato, postos nos governos e nos Parlamentos, cargos rendosos nas emprêsas estatais e na administração pública, a-fim-de colaborar mais estreitamente com a burguesia. Procuram amainar as contradições básicas da sociedade e adiar, o mais possível, a eclosão revolucionária. Já nas primeiras décadas dêste século, Lênin combateu tenazmente os reformistas e revelou sua dubiedade e a catadura burguesa. Dizia não ser tarefa dos revolucionários "melhorar" o regime das classes caducas, mas destruí-lo; porque só assim os explorados e oprimidos conseguirão se emancipar e viver com dignidade. Destacava que os revolucionários educam a classe operária e demais trabalhadores na idéia de que é imprescindível a revolução, a liquidação do velho regime, sem o que a exploração e a opressão continuarão e tôda conquista parcial será sempre precária.

A orientaçã o dos revisionistas na América Latina que é, no fundo, a orientação da burguesia conciliadora, está condenada ao completo fracasso. A profunda crise que atravessam os países latino-americanos só pode ser superada por soluções radicais, revolucionárias. É impossível melhorar efetivamente as condições de vida da classe operária e dos camponeses, assegurar cultura e trabalho para a juventude, sem modificar a estrutura arcaica dêsses países e sem liquidar pela raiz a espoliação imperialista ianque. Pequenas reformas, simples paliativos que não removem a causa dos males que flagelam esta parte do Continente, não alteram o quadro geral, indiscutìvelmente grave, da situação. Além disto, as fôrças mais retrógradas não admitem sequer tais paliativos. O caso do Brasil, no período anterior ao golpe de 1964, é muito significativo. Insistindo em levar a cabo algumas reformas e permitindo a movimentação das massas, o govêrno de Goulart foi alijado pelos militares que instaturaram uma ditadura terrorista. O mesmo poderá acontecer com Salvador Allende, no Chile. É certo que êste pseudomarxista já assumiu sérios compromissos com as fôrças reacionárias. Isto significa que não irá muito além do que fôr aceitável pelas classes dominantes, fato que, na prática, redunda em não resolver nenhum problema fundamental do povo chileno.

A política de reformas dos revisionistas ou o apoio, sem reservas, aos chamados generais nacionalistas corresponde a abdicar da luta pela hegemonia do proletariado na revoluçã o. Os que adotam tal posição colocam-se a reboque da burguesia, submetem se aos militares "nacionalistas". Esperam que êles resolvam gradativamente as questões cruciais do país. Renunciam à idéia da revolução e se transformam em colaboradores e auxiliares dos generais e dos políticos burgueses.

Os marxistas-leninistas não se deixam iludir pelas manobras demagógicas das classes dominantes, nem embair pelo canto de sereia dos reformistas. Têm consciência do agravamento da situação dos países da América Latina e se empenham em orientar as massas para a luta revolucionária, pela derrubada da dominação norte-americana, das ditaduras e governos reacionários. Sabem que fora da revolução não há outra saída para o povo. São, assim, inimigos irreconciliáveis dos revisionistas - cúmplices da burguesia na vergonhosa tarefa de tentar deter o avanço da revolução - e adversários intrasigentes dos generais demagogos. Em princípio, não são contra as reformas. Consideram-nas, no entanto, como subproduto da luta revolucionária, diferentemente dos reformistas que as admitem como um fim em si mesmo.

Os marxistas-leninistas propugnam as soluções radicais e defendem a hegemonia do proletariado na revolução. Declaram guerra ao regime atual, não objetivam apor re-

(Continua na página 6)

(Continuação da página 5)
mendos a êste injusto regime e sim destruí-lo. Não têm dúvidas de que sòmente a revolução, dirigida pela classe mais avançada da sociedade, poderá varrer os entraves ao progresso dos países da América Latina, terminar com o sofrimento de milhões e milhões de operários, camponeses, índios e pessoas simples do povo e descortinar a estrada que conduz ao socialismo.

Partidários resolutos da direção da classe operária no processo revolucionário, os marxistas-leninistas acham que afastar as massas do caminho das reformas e trazê-las para o campo da revolução, constitui importante aspecto da luta por essa direção. Mas a hegemonia do proletariado não se conquista por decreto nem pelo desejo de quem quer que seja. Exige um trabalho pertinaz junto às massas, ação revolucionária e desmascaramento constante das falsas soluções. Reclama grande flexibilidade tática da organização de vanguarda e sua participação ativa no processo político em curso.

Nos casos do Peru, da Bolívia e do Chile, a luta por ganhar as massas para a revolução e o esfôrço para assegurar a hegemonia do proletariado são bastante complexos. Sòmente os partidos revolucionários dêsses países poderão encontrar a justa solução destas tarefas. Não é fácil orientar-se de modo acertado nas situações intrincadas em que governos conciliadores procuram desviar as massas do caminho revolucionário através de pequenas reformas ao mesmo tempo que as fôrças mais reacionárias conspiram contra êles. Os revolucionários brasileiros viveram esta experiência no período do govêrno de Goulart e nem sempre souberam dirigir corretamente o gume de seu ataque contra o alvo fundamental. Tendo em conta esta experiência, parece-lhes que seria grave êrro, por exemplo, dirigir o ataque principal, no Chile, contra Salvador Allende, ainda há pouco eleito por amplos setores das massas populares e sempre ameaçado pela trama das fôrças mais retrógradas. Julgam mesmo possível, em alguns casos, apoiar certas providências governamentais que favoreçam o povo. Mas consideram, igualmente, que seria grave êrro deixar Allende passar como marxista, não denunciar sua inconseqüência no combate ao imperialismo e às fôrças reacionárias, sua fuga ao cumprimento das promessas feitas, seus propósitos de salvar o velho regime ou as arbitrariedades que venha a cometer contra as massas. Indiscutìvelmente, não é bastante dizer que os generais são demagogos. Tampouco é suficiente afirmar que os revisionistas traem os interêsses fundamentais do povo ao trilhar o caminho pacífico, eleitoral. Isto porque com suas promessas e certas medidas de fachada, os generais e também os falsos socialistas confundem ponderáveis setores da população.

Os marxistas-leninistas procuram os meios e as formas que levem os generais a tirar a máscara, permitam evidenciar tôda a falsidade da orientação reformista e façam avançar o movimento revolucionário. Tal objetivo sòmente se conseguirá no trabalho permanente entre vários setores populares, na prática quotidiana. Ao acenar com reformas de caráter democrático ou nacionalista, os militares do Peru e Bolívia, involuntàriamente, possibilitam o despertar político e a movimentação de massas. A vitória de Allende também propicia intensa atividade popular, possìvelmente maior do que naqueles dois países. Sem se deixar arrastar a posições extremadas, muito além da compreensão do povo, e que transcendem às tarefas da atual etapa da revolução, os marxistas-leninistas buscam no conjunto dos problemas políticos em foco aquilo que constitui o ponto débil do inimigo e formulam palavras-de-ordem capazes de galvanizar as fôrças populares. Concentram o fogo de seu ataque no imperialismo ianque e nas fôrças mais reacionárias e desmascaram incessantemente os revisionistas. Levantam bem alto a bandeira da independência nacional e das reivindicações econômicas e políticas das massas. Ao mesmo tempo, indicam a verdadeira solução para o povo, apontando hàbilmente a saída revolucionária.

A experiência ensina que o partido do proletariado deve aproveitar as possibilidades de atuação legal que possam existir. Sem expor todos os seus quadros e organizações e sabendo combinar o trabalho aberto com o clandestino, aparece pùblicamente com sua fisionomia, sua imprensa e sua agitação e propaganda independentes. Utiliza a situação criada para ir audamente às massas, elevar sua consciência política, mobilizá-las e organizá-las. À medida que as massas intervierem mais ativamente, sob uma correta direção, nos acontecimentos, o campo de manobra dos demagogos e revisionistas se restringirá e êles surgirão com sua verdadeira face. Mas, sejam quais forem as circunstâncias, os revolucionários terão sempre presente a necessidade de preparar-se e preparar as massas para as formas mais altas de luta, os choques armados, porque advirá inevitàvelmente o momento em que será preciso responder à violência da reação com a violência revolucionária.

(Continua na página 9)

CRISE DO REVISIONISMO

Alcançaram grande repercussão no Brasil os acontecimentos verificados na Polônia em meados de dezembro próximo passado. Nas cidades portuárias e industriais do norte do país, a classe operária e as massas populares polonesas ergueram-se vigorosamente contra a camarilha revisionista governante e em violentos protestos de rua na defesa de seus direitos e da liberdade conseguiram derrubar Gomulka e alguns de seus parceiros. Êstes sucessos encheram de entusiasmo os brasileiros que compreendem o papel anti-revolucionário e anti-socialista do revisionismo contemporâneo e confiam que chegará o momento em que os trabalhadores se colocarão na vanguarda da luta pela reconquista do socialismo.

As enérgicas ações dos trabalhadores polacos provocou o pânico entre os revisionistas, que desencadearam selvagem repressão e fizeram correr o sangue dos operários. Temendo, porém, a extensão dos protestos, apressaram-se a substituir o chefe do bando revisionista e a remanejar os quadros de direção. Assumiu o posto principal Edward Gierek que, para acalmar os ânimos, anunciou o congelamento de preços e alterações na política econômica, ao mesmo tempo que fazia ameaças de emprêgo mais brutal das fôrças policiais.

Ocorre, assim, na Polônia, nova manifestação da crise profunda em que se debate o revisionismo contemporâneo. Ao abandonarem a senda do socialismo, os renegados do marxismo-leninismo enveredaram pelo caminho da volta ao capitalismo. Com isto, submergiram a nação polonesa num pântano de agudas contradições e agravaram sèriamente as condições de vida da classe operária e do povo trabalhador. Wladislaw Gomulka é um feroz inimigo do socialismo. Em 1956, foi retirado da cadeia por Nikita Kruschov para ocupar a direção do Partido e do govêrno da Polônia. Nestes 14 anos em que esteve à frente do Estado, Gomulka realizou uma política de traição aos interêsses do povo e do socialismo, chegando à infâmia de enviar soldados polacos para invadir, de parceria com os soviéticos, a Checoslováquia, em 1968. Foi um dos pregoeiros mais velhacos das teses kruchovistas e tornou-se cúmplice de todos os crimes e vilanias praticados contra os marxistas-leninistas poloneses e de todo o mundo. Sua queda constitui uma derrota fragorosa dos revisionistas tanto da Polônia como da União Soviética e demais países que seguem a orientação de Brezhnev-Kosiguin.

A classe operária polonesa adquiriu, nos combates de dezembro, importante experiência que lhe servirá para travar novas refregas contra o inimigo raivoso que se acoberta com o manto de socialista para melhor servir ao domínio da burguesia. Embora sofrendo um duro revés, o revisionismo polonês não foi liquidado. Gierek representa a mesma criminosa política de Gomulka e, como êste, segue a mesma linha de submissão aos seus amos da União Soviética. São inevitáveis choques de maior envergadura entre os atuais detentores do Poder e as massas trabalhadoras polonesas. O fato de já existir, na clandestinidade, o verdadeiro partido marxista-leninista, o Partido Comunista da Polônia, é uma garantia de que os trabalhadores terão uma justa direção nas futuras batalhas pela restauração da ditadura do proletariado e a construção do socialismo. Surgido das profundas aspirações revolucionárias da classe operária e do povo e sustentando firmemente a gloriosa bandeira do marxismo-leninismo, êste partido é o guia seguro das grandes massas e a esperança de uma Polônia autênticamente independente e socialista.

O povo brasileiro e o Partido Comunista do Brasil saúdam os êxitos alcançados pelos trabalhadores polacos na luta heróica para livrar a Polônia da peste revisionista e reconquistar o socialismo. Sentem-se estimulados por êstes êxitos que representam também uma vitória de todos os povo em luta contra o imperialismo, a reação e o revisionismo contemporâneo.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NA INDONÉSIA

Importantes êxitos obtém a luta armada na Indonésia. As fôrças armadas patrióticas, sob a direção do Partido Comunista, atacam repetidamente as instalações militares do inimigo, causam inúmeras baixas às tropas reacionárias, principalmente na região de Nihua. Vários combates vêm sendo travados nas regiões de Kalimantan Ocidental e da Java Central e Ocidental.

MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

COMUNISTAS ALEMÃES DESMASCARAM O ACORDO BONN-MOSCOU

"Der Roter Morgen", órgão central do Partido Comunista da Alemanha (marxista-leninista), publicou recentemente um artigo sôbre o tratado soviético-alemão-ocidental. "Este tratado - assinala o artigo - não passa de uma trama criminosa das grandes potências imperialistas, cujas pontas-de-lança estão voltadas contra a liberdade dos povos da Europa, É um tratado que, no marco da coalisão soviético-norte-americana, espesinha os interêsses dos povo europeus e serve aos preparativos de guerra na Ásia contra a República Popular da China. Lesa os direitos soberanos da República Democrática Alemã e fere os interêsses fundamentais da classe operária alemã. Os revisionistas soviéticos, que até há pouco se esganiçavam frenèticamente contra a agressividade do imperialismo alemão, mudaram repentinamente de posição. Com a subida de Brandt ao Poder, consideram que houve alterações na natureza do imperialismo germânico. Nada, porém, mudou na Alemanha Ocidental, onde continuam atuando as organizações e grupos fascistas. O que mudou realmente foi a atitude oficial dos senhores do Crêmlin, renegados da revolução, que se associam descaradamente com os imperialistas da Alemanha Ocidental".

GLÓRIA À REVOLTA DOS OPERÁRIOS DOS ESTALEIROS !

O Partido Comunista da Polônia (marxista-leninista) emitiu uma declaração a propósito dos sucessos obtidos recentemente em inúmeras cidades polonesas. "As manifestações combativas e revolucionárias do proletariado polonês - diz a declaração - comprovam uma vez mais a justeza do ponto-de-vista de que, quando a classe operária atua unida e solidária, não há fôrça que a possa vencer. A revolta dos operários dos estaleiros contra o gomulkismo, apoiada pelos trabalhadores de todo o país, derrubou o renegado Wladislaw Gomulka e alguns de seus mais íntimos colaboradores. Foi um rude golpe que sofreram as fôrças da contra-revolução não sòmente na Polônia mas também em outras partes. A classe operária obteve uma grande vitória. Entretanto, a luta não terminou. O Poder se encontra ainda em mãos da contra-revolução. A substituição de Gomulka por Gierek é manobra enganosa, não modifica na essência a política seguida até o presente". A declaração exorta a classe operária a elevar sua vigilância revolucionária e a criar organizações clandestinas do Partido Comunista, bem como Comitês Revolucionários agrupando as amplas massas da Polônia. "Sòmente reinstaurando a ditadura do proletariado e quando os operários tenham tomado o Poder - assinalam os marxistas-leninistas - será possível solucionar corretamente os problemas econômicos do país e resolver a situação da classe operária e de outros trabalhadores da cidade e do campo".

"O caminho para alcançar o Poder - ressalta a declaração - só pode ser o da violência revolucionária. A contra-revolução será esmagada através da luta revolucionária". Confiante na fôrça combativa da classe operária, o PC da Polônia afirma: "O proletariado polonês, que iniciou a luta pelo Poder, conquistará a vitória final e reinstaurará a ditadura do proletariado, apesar das dificuldades e obstáculos que tem diante de si. Gomulka foi fiel vassalo de Brezhnev e Kossiguin. Mas, quando o proletariado o atacou, os dirigentes soviéticos não só abandonaram o seu fiel lacaio, como apoiaram os planos para colocar no Poder uma direção ainda mais submissa. A classe operária, lutando contra a ditadura burguesa gomulkista, luta ao mesmo tempo pela soberania e a independência do Estado polonês e pelos direitos democráticos dos trabalhadores das cidades e do campo da Polônia".

A declaração finaliza com as seguintes palavras-de-ordem: "Glória à revolta dos operários dos estaleiros!, "Viva a Revolução e o Socialismo!", "Viva a vanguarda do proletariado - O Partido Comunista da Polônia!", "Sem dúvida, conquistaremos a vitória!"

OUÇA DIÀRIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Pequim: Das 19:00 às 20:00 h - Ondas curtas de 30, 41, 47 e 48 metros
Das 21:00 às 22:00 h - Ondas curtas de 25, 30 e 47 metros

Rádio Tirana: Das 20:00 às 21:00 h / Das 22:00 às 23:00 h - Ondas curtas de 31 e 42 metros
Das 4:00 às 4:30 h e das 18:30 às 19:h - Ondas curtas de 31 e 49 metros
Das 7:00 às 7:30 h - Ondas curtas de 25 e 31 metros.

UM ÍNDICE QUE TAMBÉM AUMENTA

Em 1964, o índice de mortalidade infantil, na Grande São Paulo, era de 59 crianças em cada mil. Em 1968, êsse número cresceu para 76 e continua aumentando. Trata-se de dados oficiais. Uma coisa é certa: a mortalidade infantil na região mais industrializada do Brasil cresce em rítmo bem mais rápido do que o Produto Interno Bruto cantado em prosa e verso pela ditadura militar. Mas trata-se de um crescimento a respeito do qual o embusteiro Delfim Neto silencia, êle que gosta tanto de esgrimir com porcentagens de crescimento. Êste fato vale por um eloqüente libelo contra o regime de fome impôsto pelos militares ao povo. Vale também como um desmentido irretorquível à propaganda do nôvo DIP governamental(a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República - AERP) e aos discursos de auto-louvação e falso ufanismo do carrasco Médici. O impressionante crescimento da mortalidade infantil exatamente em São Paulo, região que os apologistas do imperialismo apresentam como exemplo, para todo o Brasil, de prosperidade e desenvolvimento obtido graças "à colaboração do capital estrangeiro", serve para desmascarar a verdadeira natureza dêsse tipo de desenvolvimento dependente que a ditadura tem o descaramento de apontar como "objetivo nacional".

Não é casual que a mortalidade infantil em São Paulo tenha crescido precisamente a partir de 1964. Algumas autoridades apresentam como causa o rápido desenvolvimento dos municípios que compõem a Grande São Paulo, afirmando que foi impossível fazer com que a infra-estrutura sanitária se desenvolvesse no mesmo rítmo. Esta defesa é, na verdade,a confissão de culpa por parte dessas mesmas autoridades. Mas, por outro lado, ela não chega a mascarar a causa mais profunda da mortalidade infantil. Fundamentalmente, é um produto do aumento da miséria em São Paulo.

A partir de 1964 houve uma violenta redução do salário real dos trabalhadores. O arrôcho salarial foi e continua sendo um dos ítens mais importantes da política econômica da ditadura militar, apesar das afirmações em contrário dos seus porta-vozes. Enquanto os monopólios estrangeiros, os grandes capitalistas, os banqueiros e os fazendeiros conseguem lucros cada vez maiores e os militares se aboletam em tôda a sorte de postos bem remunerados, em emprêsas privadas ou em órgãos públicos, os trabalhadores compram cada vez menos com os salários que percebem. As privações crescentes da classe operária afetam fortemente uma região industrial como a Grande São Paulo e constituem uma das causas do aumento da mortalidade infantil.

E mais: a ditadura militar, reforçando o monopólio da terra, ajudando os fazendeiros a adotarem formas e tipos de cultivo que dispensam mão-de-obra e reprimindo a ferro e fogo a luta dos camponeses pela terra, contribuiu para incrementar o êxodo rural. Do interior de São Paulo, de Minas, do Nordeste e de outras regiões do Brasil vêm camponeses sem terra esperando encontrar trabalho na cidade gra nde. A população marginalizada aumenta sem cessar, sobrevivendo em níveis de vida sub-humanos. É outra causa do aumento da mortalidade infantil.

Essa montanha de pequenos cadáveres que cresce constantemente ao lado dos arranha-céus luxuosos da grande metrópole é uma das mais sinistras colheitas da ditadura militar. Acresce que aqui não se trata do Nordeste ou da Amazônia, onde a miséria já é rotina, conhecida e reconhecida. Trata-se de São Paulo, onde, durante alguns anos anteriores a 1964, a mortalidade infantil chegara a diminuir. A ditadura militar trouxe para o Brasil um presente calamitoso e o conduz para um futuro catastrófico. Mas, antes disso, será derrubada.

(Continuação da página 6)SOLUÇÕES ILUSÓRIAS

O que ocorre no Peru, Bolívia e Chile não consitui o fenômeno mais freqüente do quadro político da América Latina. A característica principal da orientação das classes dominantes e do imperialismo ianque é a repressão violenta, e mesmo fascista, que aplicam em desespêro face ao ascenso do movimento revolucionário. Os povos latino-americanos enfrentam, com vigor sempre maior, os opressores. Não é porque sejam fortes que os imperialistas dos Estados Unidos, as oligarquias carcomidas e seus generais atacam com tanta fúria o movimento democrático e patriótico. Da mesma forma, não é sinal de fôrça a tentativa de certos círculos das classes dominantes de recorrer à tão decantada tática das reformas. Precisamente porque avança a luta antiimperialista e democrática é que apelam para semelhantes recursos. Se os revolucionários não perderem o rumo, não se deixarem intimidar pela repressão nem envolver pelos ardís reformistas, ganhrão maior apoio social e experiência política, desenvolverão a guerra popular e acabarão triunfando.

É com esta convicção que os marxistas-leninistas do Brasil vêem procurando cumprir a sua missão de vanguarda.

NACIONALISMO DE FACHADA

* A Marcona Minning Company vai investir um bilhão de soles (120 milhões de cruzeiros)no Departamento de Inca, para aumentar a produção de ferro para 10 milhões e 500 mil toneladas anuais. O contrato para a execução das obras foi assinado o mês passado pelas autoridades peruanas e o presidente da emprêsa norte-americana, Charles Robinson.

* Em novembro próximo passado realizou-se, na costa do Pacífico, mais uma manobra naval da Operação Unitas. Dela participaram conjuntamente as esquadras norte-americana e peruana. Um almirante norte-americano comandou a operação naval.

... E os generais peruanos continuam a proclamar-se antiimperialistas conseqüentes.

A essência da estratégia do Partido, definida em seu Manifesto-Programa, é a conquista de um govêrno popular revolucionário através da luta armada, da guerra popular. A êste objetivo subordina-se a tática do Partido expressa na política de união dos patriotas, concentração dos ataques no imperialismo ianque e na ditadura militar, ações de massas cada vez maiores nas cidades e no campo, primazia para o trabalho no interior e utilização de tôdas as formas de luta, preparação e desencadeamento da luta armada que é a essência desta tática. Tôda a atividade partidária é regida por esta orientação. Tudo quanto realizarem os militantes precisa ligar-se, direta ou indiretamente, a esta finalidade. O Partido trabalha nas cidades e no campo, entre os operários e os camponeses, entre os estudantes e os intelectuais, de forma aberta ou clandestina, faz propaganda em círculos limitados e agitação de massas, recruta novos membros e organiza suas fileiras. Qualquer que seja o tipo de trabalho do Partido ou o lugar em que êle se realize, seu conteúdo fundamental será sempre a preparação e o desencadeamento da guerra popular.

Assim, nas cidades os comunistas participam ativamente do movimento de massas e o fazem tendo em vista ampliar e radicalizar as lutas, desmascarar a ditadura e ajudar o povo a avançar para novas posições revolucionárias. Cada luta em que se empenhem serve para elevar a consciência política das massas, reforçar a sua organização, difundir a idéia da guerra popular. Por isso, combatem as tendências conciliadoras e o amainamento da luta. Opõem-se igualmente ao aventurismo que desgasta as fôrças revolucionárias e as isolam das grandes massas. Especial atenção os comunistas devem dar ao trabalho entre a classe operária. A movimentação cada vez maior do proletariado por suas reivindicações e contra a ditadura, ao mesmo tempo em que se desenvolve a luta no campo, ajuda a construir a aliança operário-camponesa e contribui para criar condições favoráveis à guerra popular. As greves dos trabalhadores, assim como as demonstrações estudantís, são fator de primordial importância para acelerar a desintegração do atual regime.

Desde a sua VI Conferência Nacional, o Partido indicou ser necessário transferir o centro de gravidade de seu trabalho para o campo. Esta é uma questão decisiva, considerando-se que a guerra popular se desenrolará fundamentalmente no interior e terá nos camponeses a massa principal dos combatentes. Intensificar o envio de militantes para as áreas rurais é um imperativo para o Partido que tem em vista a preparação e o desencadeamento da guerra popular. Para lá deve ir o maior número de militantes, que sejam combativos, abnegados e com capacidade de ligar-se às massas, pessoas que se disponham a viver de fato no interior, a integrar-se na população rural, a defender ardorosamente os interêsses dos homens do campo. Tôdas as dificuldades de adaptação à vida do interior são superadas quando se tem consciência de que é preciso fazer a revolução e servir o povo.

Os comunistas têm ainda pouca experiência de trabalho no campo. Por isso mesmo, modestamente, devem aprender com as massas do interior e procurar compreender seus usos, hábitos, moral, modo de pensar e agir. Não podem proceder à maneira das grandes cidades e muito menos querer impor seus costumes e as regras de comportamento próprios dos grandes centros urbanos. Apesar do atraso em que vivem, as massas do interior sabem o que querem e dão soluções adequadas à realidade local. Neste sentido, muitas coisas podem ensinar ao homem da cidade.

(Do documento "Guerra Popular - Caminho da Luta Armada no Brasil")